



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS INGLÊS**

OLEGÁRIO ZACARIAS DA SILVA NETO

**DESCONSTRUÍDO A HOMOFOBIA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O EN-
SINO DE LÍNGUA INGLESA PELO VIÉS DA TRANSGRESSIVIDADE**

**CAMPINA GRANDE
2024**

OLEGÁRIO ZACARIAS DA SILVA NETO

DESCONSTRUÍDO A HOMOFOBIA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PELO VIÉS DA TRANSGRESSIVIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Linguística, Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Roberta Rosa Portugal.

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586d Silva Neto, Olegario Zacarias da.

Desconstruindo a homofobia [manuscrito] : uma proposta didática para o ensino de língua inglesa pelo viés da transgressividade / Olegario Zacarias da Silva Neto. - 2024.
23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Roberta Rosa Portugal, Coordenação do Curso de Letras Espanhol - CEDUC. "

1. Didática. 2. Ensino de língua inglesa. 3. Homofobia. I.

Título

21. ed. CDD 372.652 1

OLEGÁRIO ZACARIAS DA SILVA NETO

DESCONSTRUÍDO A HOMOFOBIA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PELO VIÉS DA TRANSGRESSIVIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Linguística, Letras e Artes do Curso Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras Inglês.

Aprovada em: 17/06/24.

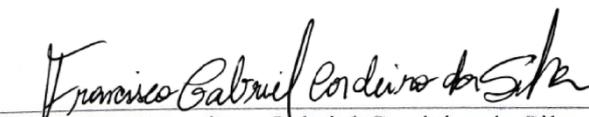
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Roberta Rosa Portugal (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Aline Carolina Ferreira Farias
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Francisco Gabriel Cordeiro da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	09
2.1	Gênero, sexualidade e homofobia	09
2.2	Inclusão e respeito: Documentos que orientam a igualdade	11
2.3	Sintonia transgressora: hooks e Freire em educação para transgredir	12
2.4	Metodologias ativas	13
3	PROPOSTA DIDÁTICA	15
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
	REFERÊNCIAS	22

DESCONSTRUÍDO A HOMOFOBIA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PELO VIÉS DA TRANSGRESSIVIDADE

Olegário Zacarias da Silva Neto*

RESUMO

Este estudo tem como objetivo apresentar uma discussão sobre uma prática pedagógica que forme sujeitos capazes de se tornarem defensores ativos da inclusão e do respeito à comunidade LGBTQIA+. Para alcançar esse objetivo, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: discutir as percepções de gênero, refletir sobre as metodologias ativas e apresentar uma proposta didática para o ensino de Língua Inglesa. Deste modo, a questão orientadora deste estudo é: Como podemos abordar a questão da homofobia na sala de aula de Língua Inglesa? Tendo em vista que este trabalho se concentra em uma proposta de intervenção pedagógica, adota-se uma abordagem qualitativa, que se preocupa com aspectos subjetivos e interpretações individuais. Para embasar essa proposta, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre as questões de gênero, sexualidade e homofobia, assim como sobre ensino como um ato de transgressão, metodologias ativas e documentos oficiais que regulamentam a educação no Brasil, incluindo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996. Em relação à proposta didática apresentada, ela é autoral, e todas as atividades foram cuidadosamente elaboradas pelo autor. Espera-se que essa proposta didática tenha um impacto no desenvolvimento dos estudantes, promovendo uma maior consciência em relação às questões de gênero, sexualidade e respeito à diversidade, e que contribua para a desconstrução de ideias e preconceitos que sustentam a homofobia.

Palavras-Chave: Proposta didática. Língua Inglesa. Homofobia.

ABSTRACT

The aim of this study is to present a discussion on a pedagogical practice that shapes individuals who are capable of becoming active advocates for the inclusion and respect of the LGBTQIA+ community. In order to achieve this goal, we have set the following specific objectives: to discuss gender perceptions, to study active methodologies and to present a didactic proposal for the teaching of English. The guiding question of this study is: How can we address the issue of homophobia in the English language classroom? Considering that this work focuses on a proposal for a pedagogical intervention, a qualitative approach is adopted, which is concerned with subjective aspects and individual interpretations. To support this proposal, bibliographical research was carried out on gender, sexuality and homophobia issues, as well as on teaching as an act of transgression, active methodologies and official documents regulating education in Brazil, including the *Base Nacional Comum Curricular* and *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Regarding the presented didactic proposal, it is original, and all activities were carefully developed by the author. It is expected that this didactic proposal will have a positive impact on the students' development,

* Graduando do curso de Letras Inglês – olegario.neto@aluno.uepb.edu.br

promoting greater awareness of gender, sexuality and respect for diversity, and contributing to the deconstruction of ideas and prejudices that maintain homophobia.

Keywords: Didactic proposal. English language. Homophobia.

1 INTRODUÇÃO

Nas eleições de 2018, o Brasil testemunhou uma ascensão do conservadorismo, caracterizada por uma onda de pensamento reacionário. Este conservadorismo se manifestava por meio de um fundamentalismo religioso que prescrevia normas de comportamento e ditava padrões de comportamentos considerados apropriados. Um exemplo emblemático desse fenômeno foi evidenciado no ano de 2019, quando, naquele período, a Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, afirmou que: “É uma nova era no Brasil: menino veste azul e menina veste rosa” (Alves, 2019). Em nossa sociedade é comum associar a cor azul aos meninos e a cor rosa às meninas. Esta afirmação tende a reforçar estereótipos de gênero, determinando o que é considerado apropriado para meninos e meninas.

É inegável que tal estímulo conservador teve um efeito duradouro e evidente na sociedade brasileira, exacerbando o preconceito contra os sujeitos minoritários. As manifestações desse conservadorismo contribuíram para a consolidação de atitudes discriminatórias e acentuaram as disparidades enfrentadas por grupos marginalizados. Como evidência da persistência vigorosa do conservadorismo no Brasil, vale destacar a reportagem de Lara Haje, publicada no site da Câmara dos Deputados, sobre o debate e aprovação, em 10 de outubro de setembro de 2023, na Câmara dos Deputados, de um projeto que veta a realização do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Este acontecimento sinaliza a permanência de posicionamentos conservadores em setores influentes da estrutura legislativa, refletindo a resistência a avanços na igualdade de direitos e reconhecimento legal para casais da comunidade LGBTQIA+.

Segundo o levantamento da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), em 2022, 131 pessoas trans foram assassinadas e 20 tiraram suas próprias vidas no Brasil devido à discriminação. Dos 151 óbitos, 65% foram motivados por crimes de ódio, sendo 72% cometidos por desconhecidos. O relatório destaca a identidade de gênero como fator central para essa violência (BRASIL, 2023).

Com base nessas observações, fica evidente que a homofobia ainda está amplamente presente. Embora não sejamos um país que tenha leis que proíbam a homossexualidade, ainda enfrentamos desafios expressivos na promoção da igualdade e do respeito à diversidade sexual.

A motivação para o desenvolvimento deste trabalho está na minha experiência como um sujeito gay, que foi aluno de escola pública e experienciou a homofobia tanto dentro como fora da instituição escolar. Na graduação de Letras Inglês, temos as disciplinas de estágios que a carga horária é dividida entre teoria e prática. Em uma das aulas práticas, que ocorria em uma escola no interior do estado da Paraíba, vivenciei um episódio de homofobia. Ao iniciar minha aula neste estágio, percebi que dois alunos daquela turma estavam claramente rindo e debochando, o que assinalava o ódio à minha orientação sexual. Foi uma situação bastante desconfortável, mas não tive coragem de confrontá-los. Primeiramente, porque não os conhecia; ao longo das aulas que já havia ministrado, eles só apareceram neste dia – aparentemente não eram alunos assíduos. Além disso, senti que aquele ambiente era deles, e como estagiário, não me senti com voz para confrontá-los.

Hoje, enquanto professor da educação básica, tenho percebido e observado a persistência de preconceitos dentro da escola, incluindo a ridicularização frequentemente direciona-

da àqueles que não se enquadram nos padrões sociais estabelecidos, principalmente em relação à identidade de gênero e orientação sexual. Em meio a esse cenário, não posso ignorar o avanço da extrema direita no Brasil, tornando o nosso país em um terreno fértil para homofobia. Surgiu, então, a ideia de desenvolver uma proposta didática para o ensino de inglês que abordasse de forma sensível e educativa as questões relacionadas à homofobia. Nesse contexto, surge a seguinte indagação que orienta este estudo: Como podemos discutir a questão da homofobia na sala de aula de Língua Inglesa?

A partir dessas considerações, o objetivo geral deste estudo é apresentar uma discussão sobre uma prática pedagógica que forme sujeitos que se tornem defensores ativos da inclusão e o respeito à comunidade LGBTQIA+. Para alcançar este objetivo, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: discutir as percepções de gênero, refletir as metodologias ativas e apresentar uma proposta didática para o ensino de Língua Inglesa.

No âmbito metodológico, tendo em vista que este trabalho se concentra em uma proposta de intervenção pedagógica, adota-se uma abordagem qualitativa, que de acordo com Minayo (2002), este tipo de abordagem se preocupa com aspectos subjetivos e interpretações individuais. Para este estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que segundo Lakatos e Marconi (2003) compreende todo o material bibliográfico disponível sobre o tema em estudo, com o intuito de permitir ao pesquisador acesso direto a tudo o que foi publicado, discutido ou registrado em relação a um determinado assunto. Buscou-se literatura que discute sobre as questões de gênero, sexualidade e homofobia, como também sobre metodologias ativas, pois a atividade proposta é produzida a partir dessa abordagem. E também os documentos oficiais que regulamentam a educação no Brasil; neste caso, a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) de 2017 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996.

Quanto à proposta didática, ela está estruturada da seguinte maneira: Inicialmente, há uma atividade *Getting started* é uma atividade inicial para preparar os alunos para o estudo. Nessa atividade, abordam-se temas sobre a sigla LGBTQIA+ e como a homofobia ocorre em diversos âmbitos da sociedade. Em seguida, segue-se a atividade de *Pre-reading*, uma atividade de pré-leitura, em faz-se um levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos à temática - reconhecendo que eles possuem uma bagagem de conhecimento de mundo - e para prepará-los para a atividade seguinte. Posteriormente, há a atividade de *Reading*, na qual é fornecido um texto para leitura, seguido por uma atividade de compreensão textual. Após essa etapa, há uma atividade de *Listening*, na qual a música "*Born This Way*", da cantora Lady Gaga, é introduzida com o objetivo de trabalhar a habilidade auditiva e de interpretação textual. Em seguida, tem-se a atividade de *Grammar*, concentrada no modo imperativo dos verbos em inglês, a partir de trechos da música da atividade anterior. Em seguida, há a atividade de *Take in Further*, que consiste em uma leitura complementada por um vídeo, permitindo o acesso ao discurso na íntegra do qual o texto foi extraído. Essa atividade é realizada com o propósito de estimular e ampliar a discussão sobre o tema. Por fim, a proposta encerra com a atividade de *It's production time*, na qual os alunos são desafiados a criar cartazes de campanhas contra a homofobia, empregando o modo imperativo na Língua Inglesa. Essa organização das atividades foi baseada no livro '*English Vibes*' da FTD, o qual integra o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Vale destacar que as atividades foram pensadas para o público do 3º ano do Ensino Médio e que as atividades dessa proposta didática são de autoria própria, sendo pensada e desenvolvida pelo autor deste trabalho.

Espera-se que essa proposta didática tenha um impacto no desenvolvimento dos estudantes, promovendo uma maior consciência em relação às questões de gênero, sexualidade e respeito à diversidade, e que contribua para a desconstrução de ideias e preconceitos que sustentam a homofobia.

Para o desenvolvimento deste trabalho, a abordagem das questões de gênero e sexualidade será fundamentada nas contribuições teóricas de Judith Butler e Paul Preciado. Ambos

são teóricos consagrados na discussão contemporânea sobre questões de gênero, oferecendo perspectivas distintas, e ao mesmo tempo, complementares - uma vez que ambos buscam quebrar as perspectivas tradicionais sobre gênero. No contexto da busca por uma educação transgressora, serão incorporadas as perspectivas de bell hooks¹ e Paulo Freire. A inclusão de hooks encontra-se alinhada à necessidade de pensar sobre educação transgressora, juntamente com as ideias de Freire, que será explorada a potencialidade de uma educação libertadora, que transcenda os limites convencionais, promovendo a conscientização, a transformação social e a emancipação.

Desta forma, este trabalho se justifica considerando, como foi apontado anteriormente, a manifestação ampliada e proeminente da homofobia em nosso cotidiano. A instituição escolar, enquanto agente formador de sujeitos, deve direcionar seus esforços no sentido de mitigar qualquer forma de discriminação. Além disso, essa discussão está alinhada com diretrizes educacionais que ressaltam a relevância da educação para os direitos humanos e para a diversidade, colaborando para a formação de uma sociedade mais igualitária e inclusiva.

No primeiro capítulo, será apresentada a fundamentação teórica que servirá como base para a condução deste estudo. Será abordada a discussão sobre questões de gênero, sexualidade e homofobia. Posteriormente, serão exploradas as leis que regulamentam a educação nacional, que dão respaldo para o desenvolvimento desta proposta. Em seguida, será abordado a educação transgressora de bell hooks e os pontos de convergências com a pedagogia crítica de Freire. Depois, será discutido sobre as metodologias ativas, pois as atividades foram desenvolvidas com base nos princípios dessa abordagem. E por fim, será apresentada a proposta autoral de atividades didáticas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, será apresentado o embasamento teórico que fundamenta o presente estudo. Serão abordadas questões relevantes no campo de gênero, sexualidade e homofobia. Além disso, serão discutidas as leis da educação nacional, assim como aspectos relacionados às metodologias ativas e ao ensino como ato de transgressão.

2.1 Gênero, sexualidade e homofobia

Conforme mencionado anteriormente, a ocupante do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos durante o período administrativo compreendido entre os anos de 2018 e 2022, Damares protagonizou um vídeo que viralizou na internet. Nesse vídeo, a referida ministra expressa a visão de que a cor azul é apropriada para vestimentas de meninos, enquanto a cor rosa é indicada para meninas. Este discurso tem persistido ao longo dos anos na sociedade, exercendo influência normativa sobre os indivíduos no que concerne à sua identidade, vestimenta, conduta, e conseqüentemente, a sexualidade.

Ao nascermos, somos designados como indivíduos do sexo masculino ou feminino com base em características genitais, o que implica na associação de determinadas expectativas, comportamentos e normas em conformidade com o sexo biológico. Quando apresentamos genitália feminina ao nascer, somos prontamente vinculados à cor rosa em vestuários e incentivados a brincar com bonecas. No caso de genitália masculina, a cor azul nos é designada, sendo desencorajada a brincadeira com bonecas em favor de carrinhos e futebol. Através desse processo, é possível identificar uma elaborada construção social que regula a expressão da sexualidade dos indivíduos. Pois, tanto no senso comum quanto na linguagem científica ou em diversas correntes religiosas, especialmente nos contextos mais conservadores, a biologia,

¹ O nome de bell hooks é escrito em minúsculas por escolha pessoal da autora. Ela desejava que o foco estivesse em suas ideias e palavras, e não em sua identidade pessoal.

especialmente o sexo anatômico, tem sido frequentemente invocada para explicar e sustentar tais posições (MEYER, 2013).

Observa-se também que esta perspectiva entende que o gênero do indivíduo é considerado inseparável de seu sexo biológico, sugerindo, portanto, uma ligação inalienável entre sexo e gênero. Portanto, percebe-se que no âmbito de gênero e sexualidade, é frequentemente observada uma propensão à associação direta entre esses dois termos, resultando em uma aparente equiparação. No entanto, é crucial destacar que a temática é intrinsecamente complexa, e a definição deste termo tem sido objeto de diversas perspectivas e sendo bastante discutida ao longo dos anos. Mas, as diversas definições acabavam por ter um objetivo em comum: o conceito de gênero visava quebrar a associação entre um gênero específico e o sexo anatômico que supostamente lhe correspondia "naturalmente", o que levava à crença em diferenças inatas e fundamentais. (MEYER, 2013)

Uma das abordagens em relação ao gênero é apresentada por Judith Butler, uma filósofa norte-americana de ascendência judaica, reconhecida por suas contribuições no campo dos estudos de gênero. De acordo com Butler (2018):

[...] o gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. Consequentemente, o gênero mostra ser performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância — isto é, constituinte da identidade que supostamente é. Nesse sentido, o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. (BUTLER, 2018, p. 44)

Ao afirmar que o gênero não é um substantivo, a filósofa Butler explica que este não possui características designativas, descritivas ou sólidas. E a partir disso, Butler os faz entender o gênero como uma performance, concebendo-o como uma ação realizada - repetidas vezes - em vez de uma característica inerente à identidade. Contrariando a concepção que estabelece uma vinculação intrínseca e natural entre gênero e sexo.

Além de Judith Butler, destaca-se Paul Preciado, um teórico e escritor cujas obras abordam questões relacionadas ao gênero, teoria queer e outros temas pertinentes a essa temática. Embora ambos concordem em alguns aspectos, há uma certa disparidade no que tange aos objetivos de cada um, ao buscarem elucidar a compreensão de gênero. Enquanto Butler (2018) aborda o gênero como performance, Preciado (2014) argumenta que:

O gênero não é simplesmente performativo (isto é, um efeito das práticas culturais linguístico-discursivas) como desejaria Judith Butler. O gênero é, antes de tudo, prostético, ou seja, não se dá senão na materialidade dos corpos. É puramente construído e ao mesmo tempo inteiramente orgânico. Foge das falsas dicotomias metafísicas entre o corpo e a alma, a forma e a matéria. O gênero se parece com o dildo. Ambos, afinal, vão além da imitação. (PRECIADO, 2014, p. 24)

Consideremos, a título de análise, o dildo. O dildo, ou consolo, constitui-se como um artefato em formato que simula um órgão sexual masculino, concebido com o propósito de ser utilizado em atividades sexuais. O dildo é uma entidade construída, ostentando natureza material e caracterizando-se como uma espécie de prótese que é empregada como uma extensão do corpo. Nesse contexto, Preciado equipara o gênero ao dildo. Sob essa perspectiva, o gênero é percebido como algo que é construído, representando uma dimensão material, assemelhando-se a uma prótese que amplia a expressão corporal. Destaca-se, portanto, que o gênero, segun-

do Preciado, é simultaneamente construído e orgânico, uma vez que sua manifestação ocorre no plano material do corpo humano.

Em ambas as abordagens, tanto de Butler, quanto de Preciado, nota-se que o gênero não é, inerentemente, natural e não está intrinsecamente relacionado ao corpo anatômico, mas sim transcende essas dimensões biológicas e naturais. Portanto, vale destacar que toda essa discussão, não se pretende negar a materialidade do corpo nem se sugere que ela não seja importante, mas sim direciona-se o foco dessas análises do ‘corpo em si’ para os processos e relações que permitem que sua biologia seja vista como causa e justificativa de diversas distinções. (MEYER, 2013)

Ao associar o gênero exclusivamente aos órgãos sexuais, a sociedade estabelece e percebe apenas as categorias feminino e masculino, negligenciando a existência de outros gêneros. Este cenário problemático surge quando o sujeito não se enquadra dentro dessa dicotomia, resultando em estigmatização, ridicularização e, em casos extremos, pode sofrer violência. Em seus estudos sobre Gênero, Butler (2018) fala também de “heterossexualidade compulsória”.

A palavra compulsória denota algo que é obrigatório; algo que nos é imputado a fazer. Nessa perspectiva, referir-se à "heterossexualidade compulsória" significa instituir uma orientação sexual aos sujeitos como uma norma prescrita que se espera que eles adotem. Segundo Butler (2018) a imposição e legitimação de uma heterossexualidade compulsória demanda e normatiza a concepção de gênero como uma dicotomia na qual a distinção entre os termos masculino e feminino é estabelecida, sendo essa diferenciação concretizada por intermédio das dinâmicas do desejo heterossexual.

Nessa perspectiva, existe a expectativa de uma coerência socialmente estabelecida entre sexo, gênero, prática sexual e desejo, onde há uma conformidade esperada, como a atração de meninos por meninas e vice-versa. Qualquer desvio desse padrão socialmente aceito, coloca o sujeito à margem da sociedade; como afirma Preciado (2014) a identidade homossexual é considerada um 'acidente' sistemático gerado pela maquinaria heterossexual, sendo estigmatizada como antinatural, anormal e abjeta em benefício da estabilidade das práticas de produção ditas “natural”.

Diante de todas essas considerações, é evidente que atribuir o gênero estritamente ao sexo biológico pode ser perigoso, pois tal abordagem deslegitima a diversidade de identidades de gênero existentes e contribui para a promoção da homofobia. Dessa forma, é fundamental que as instituições educacionais abordem de maneira sensível essas questões, promovendo o respeito, a empatia e a solidariedade às pessoas que não se encaixam nos padrões do sistema heterossexual.

2.2 Inclusão e respeito: Documentos oficiais que orientam a igualdade

Ao propor alguma intervenção pedagógica, acredito que é importante analisar de que maneira as diretrizes educacionais respaldam a ação proposta, a fim de trazer maior segurança e credibilidade ao trabalho. Dito isso, trago algumas deliberações de documentos oficiais que regulamentam a educação nacional que dão respaldo a este trabalho.

O Artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 destaca a responsabilidade conjunta da família e do Estado no pleno desenvolvimento dos estudantes. Este artigo enfatiza a necessidade de formar sujeitos conscientes de seus direitos e deveres, fazendo-os exercer a cidadania de maneira efetiva.

Art. 2o A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996)

Outro documento relevante para a educação básica é a Base Nacional Comum Curricular de 2017 (BNCC), no qual estão delineadas as habilidades e competências a serem desenvolvidas nos alunos. Direcionando o foco para as questões sociais no ambiente escolar, a BNCC apresenta competências gerais da educação básica que seriam pertinentes de serem discutidas neste contexto.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (BRASIL, 2017)

Desta forma, verifica-se que a abordagem educacional no ensino de línguas não deve limitar-se a meras estruturas gramaticais e atividades mecânicas de preenchimento e memorização. É importante que os conteúdos programáticos estejam vinculados a questões sociais, possibilitando que os estudantes não apenas adquiram conhecimentos linguísticos e desenvolvam as habilidades de comunicação, mas também desenvolvam a capacidade de reflexão sobre temas que permeiam a sociedade em que estão inseridos. Para além de ensinar inglês, é essencial que promovemos o respeito, a empatia e a tolerância.

2.3 Sintonia transgressora: hooks e Freire a favor de uma educação para transgredir

Discutir um ensino que transcende as limitações do tradicionalismo e supera as barreiras da opressão, concebendo a educação como uma prática de liberdade e emancipação, implica abordar dois renomados teóricos nesse campo. Freire e hooks são teóricos que se destacam, neste sentido, oferecendo contribuições importantes para essa perspectiva educacional. Portanto, este trabalho fundamenta-se também nos conceitos da pedagogia como transgressão, na proposta de educação emancipatória, conforme delineados por hooks e Freire. Mas, antes de partir para aspectos que os pensamentos de Paulo Freire e bell hooks têm em comum, é pertinente contextualizar brevemente quem são esses teóricos.

Paulo Freire foi um renomado educador brasileiro cujas concepções sobre pedagogia crítica reverberam ao redor do mundo. Contudo, Freire também não escapou de críticas contundentes, mesmo sendo reverenciado por muitos. Enquanto alguns defendem fervorosamente suas ideias, outros as contestam vigorosamente. bell hooks, cujo nome verdadeiro é Gloria Jean Watkins, por sua vez, foi uma renomada teórica e ativista feminista e antirracista dos Estados Unidos e autora de obras célebres como "Ensinando a Transgredir" e "Tudo sobre o Amor". Embora geograficamente estivessem separados, ambos caminhavam juntos quando se tratava de promover uma educação que faça os indivíduos a exercerem o pensamento crítico e que busquem promover mudanças sociais.

Em seus escritos, Freire criticava aquilo que ele denominava de "educação bancária", aquela em que os alunos, simples receptores, aceitam passivamente, memorizam e reproduzem o que é falado pelo professor. Para Freire, a educação deveria ser emancipatória e o professor deve "reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão" (FREIRE, 1996). No livro "Ensinando a transgredir" (2013), bell hooks discute a influência que Freire teve na sua obra, e por seguir a perspectiva freiriana de educação, também defende a educação como uma prática de liberdade. Ela reserva um capítulo de seu livro para explorar

seu encontro com as ideias de Freire, destacando como ele a inspira e influencia. Em um trecho, ela expressa:

Quando encontrei a obra de Freire, bem num momento da minha vida em que estava começando a questionar profundamente a política da dominação, o impacto do racismo, do sexismo, da exploração de classe e da colonização que ocorre dentro dos próprios Estados Unidos, me senti fortemente identificada com os camponeses marginalizados de que ele fala e com meus irmãos e irmãs negros, meus camaradas da Guiné-Bissau. (HOOKS, 2013, p. 66)

No trecho acima, é evidente o quanto o educador brasileiro, Paulo Freire, impactou na visão de mundo e no ativismo de bell hooks, fazendo-a questionar sobre as questões de dominação política, racismo, sexismo, exploração de classe e colonização nos Estados Unidos. Para ela, Freire foi um professor desafiador cujos escritos alimentaram sua própria luta contra o processo de colonização (HOOKS, 2013). Ela ainda continua dizendo: “Quando descobri a obra do pensador brasileiro Paulo Freire, meu primeiro contato com a pedagogia crítica, encontrei nele um mentor e um guia, alguém que entendia que o aprendizado poderia ser libertador” (HOOKS, 2013). Por todas essas razões, ao discutir o ensino transgressor de bell hooks, inevitavelmente nos remete a Freire e sua influência fundamental da pedagogia crítica.

Mas o que seria ensinar para transgredir, segundo hooks? A autora não se dedica a uma descrição direta, por assim dizer, definindo o que é “ensinar a transgredir”, mas, aponta, por exemplo, que foi “inspirada sobretudo por aqueles professores que tiveram coragem de transgredir as fronteiras que fecham cada aluno numa abordagem do aprendizado como uma rotina de linha de produção” (HOOKS, 2013, p. 25) Com base neste trecho, e em muitos outros presentes em seu livro, podemos inferir que hooks sugere que transgredir envolve desafiar, resistir e ultrapassar os limites opressivos impostos pela hierarquia racial, de gênero e de classe. Nesse contexto, ela apresenta a ideia de professores que ultrapassam as fronteiras convencionais da pedagogia, capacitando seus alunos a desafiar também. (PENNYCOOK, 2008).

Freire, em suas obras, ressalta constantemente a importância de uma prática educativa crítica - ou transgressora, como sugerido por bell hooks - na qual, os alunos são incentivados a se reconhecerem como membros ativos da comunidade (sociedade), compreendendo-se como sujeitos pensantes capazes de analisar, refletir e criticar. Sendo incentivados a atuarem como agentes de mudança na sociedade. Vejamos este trecho:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos [...] (FREIRE, 1996, p. 22)

Portanto, podemos perceber que os pensamentos de hooks e Freire estão alinhados no sentido de promover uma educação voltada para o desenvolvimento de alunos que buscam uma compreensão crítica do mundo, são incentivados a desafiar normas e estruturas opressivas e são capacitados a agir como sujeitos de mudança em suas comunidades. Desta forma, pode-se dizer que ensinar de maneira transgressora é assumir uma prática educadora crítica.

2.4 Metodologias Ativas

Na sala de aula ainda é comum a presença do modelo tradicionalista de ensino, onde predominam métodos expositivos e o professor desempenha o papel principal na “transmissão” de conhecimento aos alunos. Essa abordagem reflete o que Freire denomina de educação bancária, em que “o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem.” (FREIRE, 1987, p. 17)

Esse tipo de ensino tende a se distanciar da realidade dos alunos, e muitos podem questionar a relevância prática desses conhecimentos no seu dia-a-dia. Essa abordagem frequente, pode também resultar em falta de interesse e desmotivação por parte dos alunos e, por isso, diversos teóricos da educação têm se empenhado em desenvolver métodos e estratégias de ensino que tornem as aulas mais envolventes e, principalmente, que incentivem os alunos a assumir um papel ativo em sua própria formação. Como também, permitir aos alunos a pensar, buscar possíveis soluções para problemas e utilizar dos seus conhecimentos para fazer e promover transformações sociais.

Uma das referências no âmbito das metodologias ativas é o pensador e educador norte-americano John Dewey. Sua abordagem metodológica visa facilitar a aprendizagem através de tarefas relacionadas aos conceitos ensinados. Há uma ênfase significativa em atividades práticas e criativas no currículo, incentivando as crianças a experimentar e raciocinar de forma independente (LASAKOSWITSCK, 2022). Ele foi um educador norte-americano que desafiou o modelo tradicional de ensino, propondo uma nova estratégia no qual o professor não é mais detentor do conhecimento a ser depositado nos alunos; mas os próprios alunos passam a ser protagonistas do processo educacional. Ele defendeu a Escola Ativa, que sugeria o aprendizado por meio da participação ativa dos alunos em atividades. Sua visão educacional desempenhou um papel crucial na disseminação da Escola Nova ao redor do mundo (GADOTTI, 2005). Surgiu, então, uma discussão e reflexão mais profunda sobre estratégias de ensino que se opusessem ao modelo tradicional e priorizasse abordagens em que o aluno estivesse no centro do processo educacional, enquanto o professor assumisse o papel de mediador.

As metodologias ativas que posicionam o aluno como o principal agente, envolvendo-o em atividades interativas com seus colegas, promovendo aprendizado colaborativo e desenvolvimento mútuo (CARMARGO; DAROS, 2018). No contexto do ensino de língua inglesa, essas abordagens podem ser aliadas no desenvolvimento da autonomia do aluno em relação ao aprendizado da língua, ao mesmo tempo em que oferecem uma alternativa ao tradicionalismo que frequentemente caracteriza o ensino de Língua Inglesa na educação básica. Outro aspecto que as metodologias ativas podem proporcionar é o desenvolvimento do senso crítico dos alunos e a capacidade de despertar uma percepção mais aguçada para identificar e analisar problemas, como bem destaca Mitre (2007):

As metodologias ativas utilizam a problematização como estratégia de ensino-aprendizagem, com o objetivo de alcançar e motivar o discente, pois diante do problema, ele se detém, examina, reflete, relaciona a sua história e passa a ressignificar suas descobertas. A problematização pode levá-lo ao contato com as informações e à produção do conhecimento, principalmente, com a finalidade de solucionar os impasses e promover o seu próprio desenvolvimento. (MITRE et al., 2007, p. 2136)

Além de enfatizar o protagonismo do aluno em seu próprio processo de aprendizagem e promover o desenvolvimento do senso crítico, a metodologia ativa também se destaca pela relação entre educação, cultura, sociedade, política e instituições escolares (BACICH; MORAN, 2018). Portanto, essa abordagem reconhece que a escola é integrante e está em sintonia com as transformações sociais. E desta forma, os professores precisam buscar aprimorar suas abordagens, uma vez que o modelo convencional de ensino se revela inadequado e ineficiente

para a educação holística do sujeito (SANTOS, 2019). Por isso, faz-se necessário pensarmos em estratégias práticas e desafiadoras, que estimulem o pensamento crítico e a reflexão sobre questões sociais. Pois, como destaca Freire (1987):

Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente crítica, por isto, cada vez mais desalienada. (FREIRE, 1987, p. 45)

Ao colocar os alunos no cerne do processo de aprendizagem, incentivando-os a questionar, refletir e resolver problemas, torna-se evidente que essas metodologias ativas estão alinhadas à pedagogia crítica de Freire, cujas ideias têm contribuído para repensar as práticas pedagógicas, sendo uma alternativa ao ensino tradicionalista.

Portanto, é fundamental que a educação proporcione oportunidades de aprendizagem em situações de incerteza. Fomentando o desenvolvimento de habilidades em diversas áreas, promova o questionamento crítico da informação, capacite os alunos para resolução de problemas complexos de forma independente, estimule a convivência e o respeito à diversidade, promova o trabalho em equipe, incentive a participação ativa em redes e encoraje o compartilhamento de responsabilidades. (BACICH; MORAN, 2018).

Os estudos sobre metodologias ativas desempenharam um papel importante na estruturação da proposta didática que compartilho. Ao explorar essas abordagens, meu objetivo foi criar atividades que desafiam os alunos a não apenas fornecer respostas prontas ou preencher espaços em branco, mas engajá-los em processos de busca, questionamento, pesquisa e problematização relacionados ao tema em discussão: a homofobia. Nesse sentido, as atividades visam desconstruir ideias e conceitos arraigados, estimulando uma reflexão crítica e uma abordagem mais problematizadora da temática.

3 PROPOSTA DIDÁTICA

A estrutura das atividades é elaborada para proporcionar aos alunos uma experiência educacional abrangente. Inicia-se com a atividade "*Getting Started*", que visa preparar os alunos para o estudo sobre o tema. Neste estágio inicial, são discutidos aspectos relacionados à sigla LGBTQIA+ e às várias formas de homofobia na sociedade, estabelecendo uma base de entendimento comum. Em seguida, tem-se a atividade "*Pre-reading*", destinada a explorar o conhecimento prévio dos alunos sobre o tema e a introduzir conceitos adicionais para prepará-los para as etapas seguintes. Depois, tem-se a atividade "*Reading*", em que apresenta um texto relevante sobre o assunto, seguido por exercícios que incentivam a compreensão crítica e a interpretação do conteúdo textual.

Na etapa de "*Listening*", os alunos são expostos à música "*Born This Way*" de Lady Gaga, explorando suas habilidades auditivas e interpretativas. Esta música não só complementa o entendimento do tema, mas também oferece uma oportunidade de reflexão sobre a mensagem da música. A atividade "*Grammar*" concentra-se no ensino do modo imperativo dos verbos em inglês, utilizando trechos da música estudada anteriormente como contexto prático. Isso não apenas fortalece a compreensão gramatical dos alunos, mas também os conecta diretamente com o uso linguístico e cultural da língua inglesa.

Prosseguindo, a fase "*Take it Further*" incentiva os alunos a ampliarem suas perspectivas através da leitura de materiais complementares e da visualização de vídeos relacionados

ao tema. Isso promove uma discussão mais profunda e uma análise crítica do conteúdo estudado, enriquecendo sua compreensão global. Por fim, a atividade " *It's production time!*" desafia os alunos a aplicarem seus conhecimentos criando cartazes para campanhas contra a homofobia, utilizando o modo imperativo em inglês. Desta forma, eles são incentivados a expressar suas ideias de forma clara e persuasiva, contribuindo para a conscientização e o engajamento social em questões importantes.

As atividades estão em Língua Inglesa, pois foram elaboradas, especificamente, para o ensino dessa língua. Pois, para além de abordar questões relacionadas à homofobia, essas atividades foram pensadas para proporcionar uma imersão na língua, permitindo que os alunos desenvolvam competências linguísticas essenciais. Dessa forma, os estudantes não apenas discutem a temática, mas também aprimoram suas habilidades de comunicação em Língua Inglesa.

ATIVIDADE 1

Nesta atividade, os alunos são incentivados a discutir sobre a sigla LGBTQIA+ e, a partir disso, pode-se explorar as questões relacionadas à identidade de gênero e orientação sexual. Além disso, é proposta uma reflexão sobre os estereótipos associados a essa comunidade. Para isso, os alunos podem ser solicitados a ler as questões e tentar interpretar o que elas pedem. A partir dessas interpretações, abre-se espaço para uma discussão das respostas na língua materna.

GETTING STARTED



In the 1990s, lesbian, gay, and bisexual activists adopted the acronym LGB to describe their community—a term that has since expanded to be more inclusive. This was largely made possible by the work of people like these activists participating in a 1975 Pride parade in Boston.

PHOTOGRAPH BY SPENCER GRANT, GETTY IMAGES

HISTORY & CULTURE | EXPLAINER

From LGBT to LGBTQIA+: The evolving recognition of identity

As society's understanding of diverse sexual identities and gender expressions has grown more inclusive, so has the acronym used to describe them.

Source:

<https://www.nationalgeographic.com/history/article/from-lgbt-to-lgbtqia-the-evolving-recognition-of-identity>

A) Share what you understand about the meaning of the acronym 'LGBTQIA+'.

B) Are there any stereotypes or prejudices commonly attributed to LGBTQIA+ people? Discuss.

ATIVIDADE 2

Nesta atividade, os alunos são preparados para a leitura do texto subsequente, com o objetivo de aproveitar seus conhecimentos prévios sobre o tema. Eles são convidados a refletir e compartilhar suas compreensões sobre a homofobia, explorando como essa forma de discriminação se manifesta em diversos aspectos da sociedade. Além disso, os alunos são desafiados a expressar suas ideias por escrito em inglês. Essa prática não apenas fortalece suas habilidades de escrita no idioma, mas também os ajuda a comunicar suas perspectivas sobre um assunto relevante e atual.

PRE-READING

- Write in English what do you know about homophobia.
- Reflect and write on how homophobia manifests in various aspects of society, such as education, workplace, or religious institutions.

ATIVIDADE 3

Nesta atividade, os alunos leem um texto que aborda como o processo de assumir-se como pessoa LGBTQIA+ pode ser difícil e demorado. Após a leitura, são incentivados a explicar oralmente o significado de "*coming out*" (assumir-se) e discutir em duplas sobre os medos associados a esse processo para pessoas LGBTQIA+. Além disso, identificar outras situações em que pessoas LGBTQIA+ podem sentir medo de se assumir, criando a possibilidade de pensar sobre o assunto.

READING

Read the texts below and answer the questions.



Home News Sport Business Innovation Culture Travel Earth Video Live

Why 'coming out' can take a lifetime

14 June 2023 Share ↗

By David Robson, Features correspondent



Even if someone is generally "out", there may be specific situations in which they might choose to remain in the closet through fear of unwanted hostility or aggression. In a conversation with a taxi driver, for example, someone might avoid mentioning their same-sex partner in case it triggers a negative reaction.

Source: <https://www.bbc.com/future/article/20230608-how-families-can-support-lgbt-teens>

A) Explain, orally, what you understand by the expression "coming out".

B) In pair, discuss whether an LGBTQIA+ person's fear of coming out is understandable given the community's history of discrimination.

C) Identify other situations, in addition to the one mentioned in the text, in which a person might choose to not 'coming out' for fear of being subject to unwanted hostility or aggression. Create a mind map in your notebook to indicate these situations.

ATIVIDADE 4

Nesta etapa, os alunos ouvem a música "Born This Way" da cantora Lady Gaga para desenvolver habilidades auditiva. Em seguida, participam de discussões em grupos Língua Inglesa sobre a letra da música, relacionando-a com experiências pessoais de pessoas LGBTQIA+. Um trecho da letra é disponibilizado para facilitar a discussão e a conexão dos alunos com os temas abordados na canção, desafiando-os no uso da Língua Inglesa.

LISTENING

Born This Way (Lady Gaga)

I'm beautiful in my way 'Cause God makes no mistakes I'm on the right track, baby I was born this way	Ooo, there ain't no other way Baby, I was born this way I'm on the right track, baby I was born this way
Don't hide yourself in regret Just love yourself and you're set I'm on the right track, baby I was born this way	Don't be a drag, just be a queen Don't be a drag, just be a queen Don't be a drag, just be a queen Don't be!
Ooh, there ain't no other way Baby, I was born this way Baby, I was born this way	Give yourself prudence and love your friends Subway kid, rejoice your truth In the religion of the insecure I must be myself, respect my youth

Available on: <https://www.letas.mus.br/lady-gaga/born-this-way/>

a) Discuss with your classmates how this song relates to the experiences of the LGBTQIA+ community, considering the challenges they face,

ATIVIDADE 5

Nesta fase, os alunos irão desenvolver a competência linguística inglesa, com ênfase na gramática. A atividade concentra-se no estudo do modo imperativo. Para isso, é apresentado um trecho da música da atividade anterior, onde o modo imperativo é utilizado. A proposta é que os alunos leiam a explicação sobre o modo imperativo no texto fornecido abaixo e compreendam como esse conceito se relaciona com o trecho da música. Após isso, eles devem

identificar e escrever no caderno outros exemplos do modo imperativo presentes na letra da música.

GRAMMAR – IMPERATIVE

a) Analyze the intention conveyed by Lady Gaga in this excerpt: "Don't be a drag, just be a queen" within the lyrics. Explain how this phrase illustrates the imperative. To achieve this, refer to the explanation provided below regarding the imperative.

Imperative clauses (*Be quiet!*) f x

Grammar > Verbs > Verb forms > Imperative clauses (*Be quiet!*)

from [English Grammar Today](#)

We use imperative clauses when we want to tell someone to do something (most commonly for advice, suggestions, requests, commands, orders or instructions).

We can use them to tell people to do or not to do things. They usually don't have a subject – they are addressed to the listener or listeners, who the speaker understands to be the subject. We use the base form of the verb:

Have fun.

Enjoy your meal.

Stop talking and open your books.

Don't be late.

Source: <https://dictionary.cambridge.org/grammar/british-grammar/imperative-clauses-be-quiet>

b) Find and write in your notebook other examples of imperative sentences in the lyrics

ATIVIDADE 6

Nesta atividade, ampliaremos a discussão sobre a temática. Os alunos serão incentivados a refletir sobre gênero, sexualidade e orientação sexual, com o objetivo de desconstruir preconceitos e promover uma compreensão mais inclusiva e respeitosa. Para isso, é apresentada uma parte do discurso de Giulia Stefania no *TEDx* onde ela aborda esses aspectos. O texto foi incluído para auxiliar na resolução das questões, e o link do vídeo completo está disponível para assistir na íntegra. A inclusão do audiovisual visa facilitar e desenvolver competência oral dos alunos em Língua Inglesa.

TAKING IT FURTHER

The text below is from a speech by Uglá Stefanía, a feminist campaigner and trans advocate. Before reading the text, make predictions about it.

Moving beyond the binary of sex and gender | Uglá Stefanía | TEDxReykjavik



UGLASTEFANÍA
KRISTJÓNUDÓTTIRJÓNSDÓTTIR

Source:
<https://amara.org/videos/KNgdujJ0i7QP/info/moving-beyond-the-binary-of-sex-and-gender-ugla-stefania-tedxreykjavik/>

“[..] First, I want to talk about sex. And no, not sex as in having sex, but sex as in biology. You see, our sex is a combination of our bodily features, such as chromosomes, hormone production, fat distribution, genitals, hair growth, and so on, and we refer to them as sex characteristics. When a person is born, we usually assign them male or female, based on these sex characteristics, because it's just that simple, right? Well, it isn't really that simple. In fact, sex characteristics are so vastly different between people that there are at least forty recognized variations of sex. [...]

Secondly, I want to talk about gender. When we think about men and women, boys and girls, we get a certain idea in our head. We associate women with femininity, and we associate men with masculinity. We expect men and women to dress differently, do different things, and have different roles in society. And this is partly what gender is, the socially-constructed idea of what men and women are, and what we expect them to be [...] Gender is also much more complicated than just two binary categories of men and women. In fact, gender is different between different societies and different cultures and it changes through time. So, gender and the way people identify their gender are therefore often much more complex, and the reality is much more diverse. [...] Usually, when a person is born, we assign them, as I said before, a certain gender based on their genitals, and usually it's right, usually it fits, but sometimes it doesn't, and I am an example of a person [with whom] that doesn't happen. And I'm also not just a gay man that took it "a bit too far," before someone asks, because to be a gay man, you need to, first, be a man, which I just established that I'm not, and you need to be attracted to other men. Being gay has to do with your sexual orientation, while being trans, like I am, has to do with your gender identity. [...] I announced to everyone that I was a girl and, for the longest time, I totally conformed to all of the socially-constructed rules of what we expect women to like, what we expect them to do [...]

[...] I feel like people expect me to conform to certain things that I have no interest in conforming to. So, for me, it's personal, as well as political, but that's because life is political. As you can see, my expression is mostly feminine, and I am not entirely uncomfortable with being classified as a girl, but I don't feel like I fit neatly into this box. I also reject the notion that I am inherently male because of my genetic make-up. You see, sex is also a social construct, just like gender. The meaning that we put into these categories isn't made by nature. It's made by us humans, through social interaction. I alone had the power to define myself and my body; no one else. Sometimes you'll get people who will tell you that, "You aren't this," or, "You are this," or, "You're not that," and, "You're not this." This is a message that I want everybody to take in, that nobody has the power to define anyone, but the people themselves [...]"

Available on: <https://amara.org/videos/KNgdujJ0i7QP/info/moving-beyond-the-binary-of-sex-and-gender-ugla-stefania-tedxreykjavik/>

- A) Based on the text, explain the difference between the concepts of biological sex and gender identity.
- B) Reflect on the socially constructed ideas of masculinity and femininity mentioned in the text and discuss how these constructions influence the expectations and behavior of men and women in society.
- C) Research into the negative impact that gender assignment based only on anatomical characteristics at birth can have on people from the LGBTQIA+ community.
- D) Share a situation in which you have experienced or witnessed someone who has been the target of offensive comments for challenging gender norms. For example, a girl playing soccer or a boy showing feelings.

ATIVIDADE 7

Os alunos, nesta atividade, serão desafiados a criar cartazes anti-homofobia utilizando o modo imperativo da Língua Inglesa. A proposta visa que eles apliquem esse aspecto linguístico de maneira contextualizada e prática. É fornecido exemplos de cartazes para facilitar a produção e inspirar os alunos na criação dos seus próprios cartazes utilizando o modo imperativo da Língua Inglesa.

IT'S PRODUCTION TIME!

The poster creatively combines images and words to convey a message in a clear and attractive way ²(MESQUITA, 2018). The synthesis of these elements allows the central idea of the poster to be communicated effectively, grabbing the attention public and making the message easier to understand. Take a look some examples of posters below.



Source:

<https://media.gettyimages.com/id/1216239981/pt/foto/manhattan-new-york-united-states-a-participant-holding-a-sign-supporting-trans-rights-during.jpg?s=1024x1024&w=gi&k=20&c=4hykEsoHYZP-bkli9axf300DCpuYmGU8tPI067c4-fE=>



Source: <https://www.gettyimages.com.br/detail/foto-jornal%20ADstica/hand-painted-and-crafted-signs-lay-on-the-ground-at-foto-jornal%20ADstica/1258468358?adppopup=true>

It is your turn now! Your task is to create an anti-homophobia poster, incorporating the imperative. Have a great time working on it!

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do conservadorismo que tem se mostrado cada vez mais presente e influente nos últimos anos, com ideias que continuam a se fortalecer e se espalhar, como demonstrado pelos fatos apresentados no início deste trabalho - a fala da ex-ministra Damares e a discussão sobre a impossibilidade do casamento LGBTQIA+ - é crucial intensificar o debate sobre as falas problemáticas que são direcionadas ao grupo de pessoas que fogem dos padrões da heteronormatividade. E, para além desses debates, é fundamental que se façam ações pedagógicas para desconstruir preconceitos e promover uma sociedade mais inclusiva e justa. Propus, portanto, neste trabalho discutir as questões sobre homofobia em sala de aula de Língua Inglesa com o objetivo apresentar uma discussão sobre uma prática pedagógica, autoral, que forme sujeitos capazes de se tornarem defensores ativos da inclusão e do respeito à comunidade LGBTQIA+. E também para desmistificar os pensamentos e crenças sobre esta comunidade.

Para isso, foi necessário discutir sobre gênero a partir de uma perspectiva que se afaste do campo biológico, evitando entender o gênero como algo intrinsecamente ligado à biologia do corpo, em que, a meninos e meninas, são atribuídos comportamentos com base em suas características sexuais. À luz das teorias de Butler e Preciado, entendemos que associar o gê-

² MESQUITA, Francisco “[...] o cartaz combina a arte visual estrita e a arte tipográfica, sintetizando uma ideia a comunicar [...]”

nero às características sexuais das pessoas invisibiliza as diversas formas de vivenciar a sexualidade, abrindo espaço para estigmas e preconceitos. Como professores, devemos estar atentos a essas questões para que possamos promover um ambiente inclusivo e respeitoso para os nossos alunos e alunas.

Para abordar a questão da homofobia em sala de aula e promover o aprendizado da Língua Inglesa, encontramos a oportunidade de romper com o modelo tradicional de ensino, onde o professor simplesmente explica o conteúdo para os alunos, e adotamos metodologias centradas no aluno, onde ele seja protagonista na construção do próprio conhecimento. Por isso, a discussão sobre a viabilidade de incorporar metodologias ativas nesse processo, pois como afirma Meyer (2013) cabe a nós, educadores e educadoras, direcionar nossos esforços para desenvolver projetos educativos que promovam uma mudança nos paradigmas tradicionais dos processos de ensino-aprendizagem: da busca por respostas prontas para o estímulo à capacidade de formular perguntas; da certeza para a valorização da dúvida e da transitoriedade; da abordagem prescritiva do conhecimento para um enfoque que encoraje a desconstrução de preconceitos que tendemos a aceitar como inquestionáveis. Neste contexto de incentivar os alunos a pensar criticamente, trouxe para este trabalho a concepção de educação como transgressão e prática de liberdade, seguindo as perspectivas de hooks e Freire, dois importantes pensadores da educação crítica. Eles buscaram promover uma educação em que os alunos fossem o centro do próprio processo de aprendizagem, capacitando-os a refletir e agir no mundo, desafiando e subvertendo padrões e contestando desigualdades e preconceitos.

Como alguém que teve a oportunidade de frequentar a escola, sei o quanto esse ambiente pode ser desagradável para pessoas que, assim como eu, não se enquadram nas amarras do binarismo. Na escola, não havia conforto, e em casa, o medo constante de ser expulso gerava um profundo isolamento. Hoje, como professor em atividade, ainda observo falas e comportamentos dos alunos fortemente influenciados pelo conservadorismo. Essas atitudes impõem regras rígidas de comportamento para meninos e meninas, levando a piadas e discriminação contra aqueles que exibem comportamentos que vão contra aos padrões sociais de gênero. Todas essas minhas experiências contribuíram para a realização deste trabalho.

Desta forma, não me posiciono como alguém neutro e separado deste meu estudo de enfrentamento a homofobia, pois "os pressupostos, crenças e comportamentos de classe, raça, cultura e gênero do próprio pesquisador devem ser colocados dentro da moldura da imagem que ele tenta pintar" (HARDING, 1987, p. 09). E de alguma forma, minhas crenças, pensamentos e valores estão refletidos neste trabalho. Portanto, acredito que a proposta didática apresentada não apenas promova o aprendizado da Língua Inglesa, mas também uma educação holística, desenvolvendo a criticidade e incentivando os alunos a refletir sobre as atitudes e comportamentos impostos. Ela visa também não somente ampliar a compreensão de que viver outras sexualidades não é apenas uma possibilidade, mas também uma realidade legítima e digna de respeito.

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática** [recurso eletrônico]. Porto alegre: Penso Editora Ltda., 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** - Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf> Acesso em 21 de nov. 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em 21 de nov. de 2023.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **131 pessoas trans foram assassinadas em 2022 no Brasil, aponta dossiê**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/janeiro/131-pessoas-trans-perderam-a-vida-em-2022-no-brasil-aponta-dossie>. Acesso em 07 de set. 2023.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero** [recurso eletrônico]: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. – 1. ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CARMARGO, Fausto; DAROS, Thuine. **A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo**. Porto Alegre: Penso Editora Ltda, 2018.

FRANCO, C. P., & TAVARES, K. C. A. (2020). **English Vibes for Brazilian Learners: Volume Único: Ensino Médio: Área do Conhecimento Linguagens e suas Tecnologias: Língua Inglesa**. 1ª ed. São Paulo: FTD.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio De Janeiro; São Paulo: Paz & Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª, ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

EM VÍDEO, Damares diz que ‘nova era’ começou: ‘meninos vestem azul e meninas vestem rosa’. **Portal G1**, Brasília, 3 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>. Acesso em: 7 set. 2023.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2005.

HAJE, Lara. Projeto inclui no Código Civil proibição de união homoafetiva. **Agência Câmara de Notícias**. Disponível em: < <https://www.camara.leg.br/noticias/999217-projeto-inclui-no-codigo-civil-proibicao-de-uniao-homoafetiva> > Acesso em 07 de set. 2023.

HARDING, S. **Is There a Feminist Method?** In: Introduction. 1987.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade / bell hooks**; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LASAKOSWITSCK, R. **Origens, conceitos e propósitos das metodologias ativas de aprendizagem**. EccoS – Revista Científica, n. 63, p. e23450–e23450, 2022. Disponível em: <Origens, conceitos e propósitos das metodologias ativas de aprendizagem | EccoS – Revista Científica (uninove.br)> Acesso em 01 de maio de 2024.

MESQUITA, Francisco. **Do Paleo-Cartaz ao Cartaz Camaleônico: Design, Criatividade, Inovação e Tecnologia** (1ª ed.). Adverte, 2018.

MEYER, Dagmar. **Gênero e educação:** teoria e política. Em: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Eds.). *corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: vozes, [s.d.]. p. 11–29.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MITRE, S. M. et al. **Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde:** debates atuais. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 13, p. 2133–2144, 1 dez. 2008.

PENNYCOOK, Alastair. **Por uma linguística aplicada transgressiva.** In: FABRICIO, Branca. *Por uma linguística aplicada (IN)disciplinar*. Em L. P. da Moita Lopes (Org.). São Paulo: Parábola editorial, 2006. cap. 2.

PRECIADO, Paul. **Manifesto contrassexual.** Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edição, 2014.

SANTOS, T. D. S.; JUNIOR, J. D. D. S.; BARBOSA, V. F. B. **Metodologias ativas de ensino-aprendizagem.** Disponível: <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/565843>> Acesso em 01 de maio de 2024.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as bênçãos concedidas e por me proteger ao longo desta jornada.

Aos meus pais, Genival Olegário e Maria do Céu, por acreditarem em meu sonho e por me apoiarem.

À madrinha Lúcia, pelo afeto compartilhado, pelos conselhos e pela generosidade em me ajudar neste percurso.

Aos amigos que fiz ao longo dessa jornada, que tornaram o caminho mais leve; minha sincera gratidão.

À minha orientadora, Roberta Portugal, por seus conselhos e orientações, bem como por acreditar neste trabalho.

Aos professores que compuseram a banca, muito obrigado por dedicarem parte de seu tempo para estar comigo neste momento tão especial.